

# *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

## NOVOS CAMINHOS PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA

Rosane Reis de OLIVEIRA <sup>1</sup>

**RESUMO:** *A proposta teórico-metodológica que se propõe com a pesquisa que deu origem a este artigo é otimizada da aprendizagem das regras gramaticais, uma vez que opera nos moldes da iconicidade verbal (SIMÕES, 2009), teoria que, comprovadamente por projetos vários já concluídos (dentro e fora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), vem tornando menos subjetiva a descrição da estruturação linguística.*

*Essa é uma meta abordada neste trabalho, que sugere a implantação de uma metodologia nova e especial nas aulas de língua portuguesa (L1) e que exige um olhar ampliado e obrigatório do docente pelos caminhos das novas tecnologias da linguagem, para sustentar uma teoria gramatical mais produtiva ao desenvolvimento das capacidades de leitura que irão auxiliar os discentes a produzir seus textos escritos com mais eficiência na língua de prestígio e, conseqüentemente, ler e compreender textos com maior segurança e precisão.*

*Nesta oportunidade, demos enfoque ao estudo do verbo, em suas particularidades mórficas e sintáticas, por entender que este precisa ser mais minucioso, uma vez que é signo estruturante da expressão linguística.*

*A vinculação do ensino da gramática à teoria da iconicidade verbal foi motivada na necessidade de reformulação da prática de ensino de língua portuguesa (L1), procurando considerar a língua em uso dos falantes brasileiros.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ensino de gramática; iconicidade verbal; novas tecnologias*

## INTRODUÇÃO

Um ensino voltado à apreensão do saber idiomático pelas novas tecnologias de linguagem e seus diferentes códigos, exige do docente um alargamento de sua fundamentação. O ensino tradicional da norma gramatical não mais se basta. É preciso

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)– Instituto de Letras – Aluna especial do Programa de Pós-graduação (Doutorado) em Letras; Docente do Sistema Elite de Ensino; Membro do Grupo de Pesquisa Semiótica, Leitura e Produção de Textos (SELEPROT). Coordenadora do Sistema Light Speed (correção de textos acadêmicos na Web) Contato: [rosanereis.prof@gmail.com](mailto:rosanereis.prof@gmail.com); [redacaolightspeed@gmail.com](mailto:redacaolightspeed@gmail.com)

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

articular o conteúdo normativo (que é indispensável ao bom desempenho comunicativo-expressional dos sujeitos) às instruções de ciência — a Semiótica — que vem ganhando destaque no contexto da pesquisa internacional, dada a sua relação com os processos cognitivos. No âmbito do ensino e da aprendizagem, a psicolinguística tem unido esforços com as semióticas, buscando melhor entender e explorar os mecanismos de raciocínio implicados na aprendizagem da língua, sobretudo, no uso culto (ou padrão).

No ensino correspondente às novas tecnologias do mundo contemporâneo, não se deve levar em conta apenas a capacidade do aluno para assimilar e acumular informações, senão como utilizá-las em contextos adequados, interpretando **códigos e linguagens e valendo-se dos conhecimentos adquiridos** para a tomada de decisões autônomas e socialmente relevantes. Nesse sentido, priorizamos em nossa proposta, o raciocínio em detrimento da “decoreba”.

O modelo de aprendizagem que se propõe enfatiza a mobilização das estruturas mentais por meio das quais o conhecimento é continuamente construído e reconstruído. Não se abandona a memória que é importantíssima na constituição das estruturas mentais e na aquisição dos domínios e conteúdos; todavia, isoladamente (pela simples memorização) não consegue preparar um sujeito capaz de compreender o mundo em que vive, particularmente num contexto de aceleradas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas.

Aqui se impõe esclarecer que a descrição linguística que se combina com a metodologia foi extraída da Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009). O aporte teórico sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday (1984) é a matriz linguística que compõe as bases conceituais deste projeto.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

Vale acrescentar que nossa prática didática cotidiana no ensino médio tem testado e constatado a eficiência do argumento semiótico, para explicar a construção do signo linguístico; em especial, a teoria da iconicidade verbal.

### **PELOS CAMINHOS DA SEMIÓTICA**

Fazendo uma leitura semiótica da estruturação sintática das orações, vemos uma possibilidade real de orientar o ensino da gramática pela iconicidade diagramática. Com esse subsídio semiótico, explicamos a estruturação sintática da frase a partir do verbo. Tomá-lo como bússola do arranjo das peças icônicas (representativas, fundadas na similaridade) e indiciais (indutoras, fundadas na contiguidade), cuja combinação produz as imagens semântico-pragmáticas contribui seguramente para obter os caminhos que subsidiarão a leitura e a compreensão das frases e, por conseguinte, do texto.

Trabalhar com a teoria da iconicidade no ensino da gramática nos proporciona:

- apresentar uma visão mais organizada dos fatos gramaticais que em L1, a partir da identificação de valores icônicos ou indiciais, que possam orientar o entendimento e o emprego adequado das formas gramaticais, segundo o projeto comunicativo-textual;
- elaborar uma proposta de ensino de gramática, então demonstrado no estudo morfossintático e semântico do vocábulo com vista ao desenvolvimento de uma prática didática de L1 integrada não só com o uso empírico da língua, mas também com os usos instrumentais da língua no estudo das demais disciplinas escolares, uma

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

vez que todas demandam compreensão gramatical, competência de leitura com compreensão e de produção textual.

Como afirma Halliday (1973:65), “ a linguagem é como é por causa das funções que ela desempenha na sociedade”, por isso buscamos provar como a abordagem semiótico-funcional abre espaço para uma leitura e produção textuais para além das questões meramente gramaticais.

### **REFLETINDO O ENSINO DA LÍNGUA**

A língua portuguesa ensinada nas escolas não é a mesma língua utilizada pelos alunos no falar cotidiano. A língua, muitas vezes desprestigiada e estigmatizada, que os sujeitos levam para a sala de aula, gera, nos aprendizes, de um modo geral, pré-conceitos como o de não saberem a língua nacional e o de julgarem-na muito difícil.

Para constatar essa afirmação, ocorrências de desvios da norma padrão foram levantados em avaliações objetivas e redações feitas por alunos do ensino médio, para verificar as influências da língua falada na resolução de questões de provas e na produção textual.

A partir da observação dos dados da pesquisa, propomos o ensino da gramática pela teoria da iconicidade verbal (vocábulos de base icônico-diagramática sintagmática) para promover a facilitação da aprendizagem dos mecanismos gramaticais. Isso porque algumas formas linguísticas atuam como ícones ou índices de categorias ou mecanismos gramaticais, ou seja, palavras e expressões que funcionam como âncoras de apoio à aplicação das regras de concordância, por exemplo. Ensinar os fatos da língua ajustados pelos valores icônicos e

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

indiciais das formas da língua consolida uma aprendizagem pela assimilação das estratégias de estruturação verbal. O professor que quiser se alinhar ao ensino gramatical de base semiótica deve ensinar os alunos a ler semioticamente a estruturação sintática dos períodos e, conseqüentemente, dos textos que servem de contexto para o entendimento do propósito comunicativo do enunciador. Com essa estratégia didática, o sujeito aprende a seguir a iconicidade diagramática sintagmática, identificando alguns vocábulos como pistas icônicas e indiciais<sup>2</sup> por apresentarem marcas específicas cujas combinações conduzem à identificação de categorias e funções dos vocábulos, para que se possa chegar aos valores gramaticais exigidos na construção sintática dos períodos. Algumas dessas pistas facilitam a identificação de marcas gramaticais orientadoras. Outras, no entanto, por sua baixa iconicidade, acabam tornando-se pistas desorientadoras, provocando dúvidas quanto à utilização, flexão, forma ou classificação. Vejamos o que dizem Simões e Dutra sobre iconicidade:

A iconicidade, no processo da leitura e da redação, a nosso ver, pode manifestar-se de dupla forma: a) como alta iconicidade – qualidade por meio da qual o texto orienta o leitor à produção de sentido em função da apresentação estratégica de pistas de leitura; b) como baixa iconicidade – qualidade por meio da qual o texto se torna opaco, porque não oferece pistas suficientes ou eficientes para o desenrolar da leitura. Convém esclarecer que a alta iconicidade tanto se presta à construção da eficácia quanto à da falácia textual. Nesta o leitor é

---

<sup>2</sup> Seguimos a orientação de Simões (2007) que entende por signos icônicos os representativos, fundados na similaridade, de fundo analógico e por indiciais os indutores, fundados na contigüidade, consecutivos.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

driblado pelas pistas do texto; naquela, o leitor é conduzido por elas.

(Simões & Dutra, 2004: 41).

### **APLICAÇÃO DA ICONICIDADE VERBAL**

Daqui em diante, dentro das abordagens teóricas, tecem-se comentários pontuais sobre algumas dessas pistas. Trataremos, nesta oportunidade, do caso específico da voz passiva.

Como são regras muito complexas, um olhar cuidadoso nas palavras dos teóricos se faz necessário.

O problema das vozes não pode ser resolvido de forma simplória.

Trata-se de problema complexo que tem sido muito mal estudado e ainda pior apresentado. (MACEDO, 1987, p. 159)

Como bem observa MACEDO, a questão da voz passiva tem sido simplificada demais, o que pode determinar o insucesso no reconhecimento das orações de verbo passivo das de verbo ativo. Essa dúvida pode implicar o uso inadequado da flexão do verbo nas orações de passiva sintética, já que o falante não reconhece o sujeito paciente.

É prática comum dos falantes da língua portuguesa a utilização da construção passiva sintética como modo de indeterminar o sujeito. Desvendar os motivos que os levam a essa prática linguageira abre caminhos para uma mudança de comportamento dos professores da língua portuguesa quanto ao ensino da Gramática. A fim de facilitar a apreensão de assunto tão complexo, propõem-se algumas considerações sobre o aspecto da voz verbal que veremos a seguir.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

As frases de voz passiva possuem uma atividade ou processo ativo em que se reconhece um agente sem as atribuições de tema ou sujeito. Os verbos na chamada voz passiva adquirem uma forma específica capaz de integrar o agente ao predicado e destacam o termo objeto direto da voz ativa, transformando-o em tema e, portanto, ponto de partida da ação verbal. Essa modalidade de voz passiva reduz o sujeito da voz medial reflexiva<sup>3</sup> ao que nele há de paciente.

No domínio das línguas indo-européias, a voz passiva estabeleceu-se na forma reflexivo-pronominal, trazendo para as línguas românicas uma confusão mental entre as duas interpretações possíveis retiradas de frases na forma medial reflexiva, cuja indistinção mórfica confunde-se na oposição semântica com a forma passiva. Daí, em português, haver problemas de identificação de reflexividade ou passividade em frases como *Abre-se a porta*, *Quebrou-se o tinteiro* e *Ouviram-se pessoas*, como aponta Mattoso (1981, p. 231). A dupla interpretação que nos aponta o autor é marcada pela partícula pronominal, uma forma de fazer a distinção mórfica das frases passivas.

Assinala-se, nas línguas românicas, uma tendência à impessoalização do sujeito nas frases passivas com a integração do sujeito ao predicado. No português popular, a falta de concordância entre o nome e o verbo nestes casos, deixando-o na P3, evidencia essa tendência. Esse é o caso de *vende-se carros*, por exemplo, encontrado nos principais jornais da cidade nas páginas dos classificados.

Mattoso (1981, p. 232) explica a origem da confusão entre frases passivas pessoais e impessoais pela presença do pronome num tipo de frase “que omite o agente tanto nos verbos transitivos quanto nos intransitivos, elevando o paciente a sujeito nos verbos transitivos

---

<sup>3</sup> Mais adiante, encontrar-se-á uma explicação mais detalhada da voz medial.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

(norma literária) ou não (norma popular)”. Assim contrastam-se as frases de forma passiva impessoal - *vive-se*, *pensou-se* e *vende-se carros* (pop.) - com as de forma passiva pessoal – *alugam-se casas* (em identidade mórfica com a voz reflexiva). Essa confusão se explica melhor quando fazemos a leitura semiótica das frases. Como distinguir um caso do outro se a palavra em foco, o pronome *se*, demonstra um caso de baixa iconicidade (de difícil compreensão)? Isso se dá por estar-se diante de um vocábulo que pode atualizar-se em valores distintos. Para extinguir o problema, anuncia-se outra marca para servir de pista para a identificação do mecanismo em questão: *a transitividade verbal*. Como só existe voz passiva de verbos transitivos diretos, a simples presença de uma preposição exigida pela regência verbal já elimina a possibilidade de concordância do verbo com o termo subsequente, deixando-o flexionado em P3<sup>4</sup>. Esse tipo de construção impessoal é normal com verbos intransitivos ou transitivos indiretos, uma vez que a ausência de um objeto direto no predicado não permite a transformação da voz ativa em passiva por meio da topicalização do termo paciente em função de sujeito. Apresentam-se, como exemplos dessas construções, as frases a seguir: *morria-se de amor antigamente* e *precisa-se de dinheiro*.

Para expressar a passividade do sujeito, as línguas românicas usam também uma construção perifrástica que foi adotada pela nossa gramática como voz passiva analítica ou verbal. O agente é apresentado no predicado numa estrutura de oposição de termos já criada na voz ativa:

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. sujeito-agente + verbo + objeto-paciente = voz ativa</li><li>2. sujeito-paciente + verbo + agente da voz passiva = voz passiva</li></ol> |
|---|

<sup>4</sup> Usamos a terminologia de Mattoso para as pessoas gramaticais, em que P1, P2, P3, P4, P5 e P6 se referem às primeira, segunda e terceira pessoas do singular e plural, respectivamente.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

Convém ressaltar que a voz passiva valoriza mais o processo que o próprio agente, pois este fica omitido (na voz passiva pronominal) ou incluído no predicado (na voz passiva de construção perifrástica).

Na língua portuguesa, a voz passiva (*stricto sensu*, ressalvemos) é um fato especial dos verbos transitivos diretos, em que o paciente (objeto direto da ativa) é posto em evidência (topicalização) e, portanto, ponto de partida da frase. Figura, por isso, como sujeito, enquanto o ser que seria, a rigor, o sujeito agente do verbo na voz ativa é relegado a um plano inferior ou é ignorado. Mattoso Câmara Jr. (1981, p. 233) não se satisfaz com essa interpretação que “não abarca sequer os nossos próprios fatos portugueses” e continua:

Conseqüentemente, vários pesquisadores têm chegado à conclusão de que, em muitas e distintas línguas do globo, só há na realidade a voz passiva, porque é o paciente, e não o agente, que é sistematicamente arvorado em sujeito da frase.

Vale observar a teoria de Meillet para dar à voz passiva outro alcance e conteúdo. Para Meillet (1921), a oposição básica é entre *voz ativa* e *voz impessoal*. Em outros termos, o processo: 1) pode ser referido a um ser preciso, que é a causa, ou motivo ou ponto de aplicação (sujeito); 2) pode ser apresentado em si mesmo, independentemente de um nome ou ser que lhe servia de marco de referência. Daí venha talvez a dificuldade do sujeito em identificar a voz passiva pronominal da ativa com sujeito indeterminado pela partícula *se*.

Para Mattoso (1981, p. 233), a frase impessoal assim compreendida pode assumir três principais variantes mórficas:

1) a da forma ativa pura, sem sujeito explícito ou implícito, como é o caso do nosso existencial *haver*. A ausência de sujeito é indicial.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

2) a impessoalidade caracterizada na forma de nome do ser a que se refere a ação e

3) a impessoalidade expressa por um morfema verbal, como o sufixo *-r-*, por exemplo.

Nesses casos, a ausência do termo sujeito é índice para a impessoalização do verbo.

Desse último tipo de *voz impessoal* sai uma *voz passiva* de sujeito-paciente, quando nos verbos transitivos se passa a dar a forma nominativa ao ser paciente. E conclui:

É esta a teoria de Meillet sobre a voz passiva latina. Para ele tratou-se de início de uma voz impessoal, que só tinha 3<sup>a</sup> pessoa do singular.

(Mattoso Câmara, 1981, p. 233)

É exatamente aqui que o desvio da norma gramatical em relação à concordância da voz passiva pronominal encontra interseção com a história da língua: a tendência popular a impessoalizar o sujeito nessa voz decorre da sua natureza semântica, em que o agente ou é desconhecido ou não se quer retratar. Portanto, o pronome *se* acaba sendo um signo indicial de impessoalização, quer na situação de índice de indeterminação do sujeito, quer na de pronome apassivador. Para explicar esse evento linguístico, recorramos a Mario Barreto que o caracteriza como “cruzamento sintático”.

Por cruzamento sintático, processo também conhecido pelo nome de fusão ou contaminação, e que é uma forma, um aspecto da ANALOGIA, explicam-se as notáveis construções de que tratamos no presente capítulo. A fusão ou contaminação define-a o douto hispanista e insigne filólogo Dom Rufino José Cuervo como consistente em que, "oferecendo-se simultaneamente ao entendimento dois termos ou expressões sinónimas, em vez de escolher uma delas formamos outra mesclando os elementos de ambas." As duas

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

construções de valor sensivelmente idêntico acabam por se combinar e fundir uma na outra. (Barreto. 1964, p.250) [mantivemos a grafia original]

Infelizmente, as gramáticas escolares da língua portuguesa abordam de maneira muito sucinta o assunto *categoria de voz*. Apenas distinguem, por exemplo, voz passiva analítica de sintética pelas marcas morfológicas: se há o *auxiliar de estado seguido de participio do verbo principal* ou se há *pronome apassivador*. Há muito o que se discutir, no entanto, sobre as formas de expressão que depõem o sujeito na intenção de enfatizar o objeto passivo. No primeiro caso, o português apresenta o verbo principal no participio a que se junta um auxiliar temporal (ser, estar, ficar), conforme explicita Evanildo Bechara em *Lições e Português pela Análise Sintática* (2003). Ele observa que, na forma analítica, o verbo pode ser conjugado em qualquer pessoa e vem normalmente acompanhado de agente da passiva: 1) *Fomos procurados pelos amigos.* 2) *O artigo estava assinado pelo chefe.* 3) *O colega ficou prejudicado pelo irmão.* No segundo caso, ao verbo na forma ativa se junta o pronome átono *se*, caracterizando o que ele chama de voz passiva pronominal. Bechara acrescenta que o sujeito do verbo na voz passiva pronominal é geralmente um nome de coisa, um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo e aparece normalmente posposto ao verbo. Neste último caso, o agente da passiva geralmente não vem expresso. Essa talvez seja a outra explicação para que a prática languageira não encontre nestas construções a necessidade de identificação de um sujeito agente e, portanto, utilize o verbo na sua forma impessoal, ou seja, na P3, deixando clara a ideia de que o que configuraria, na norma culta, o sujeito paciente seria tão somente o alvo da ação verbal.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

Ainda Bechara (2005, p. 222) nomeia a passiva de duas maneiras, um pouco distintas das que foram consagradas pelos gramáticos da língua portuguesa. Ele chama de *voz passiva* apenas a forma analítica, ou seja, a construção perifrástica com os auxiliares temporais. E nomeia de *voz reflexiva de sentido passivo* a chamada passiva pronominal. Enfatiza de forma bastante esclarecedora que há duas maneiras distintas de diferenciá-las:

1 - a *voz passiva* (analítica) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, ao passo que a *reflexiva de sentido passivo* (pronominal) só se constrói na 3<sup>a</sup> pessoa com o pronome *se* (apassivador):

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2 - A *passiva* (analítica) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a *reflexiva* (pronominal), no português contemporâneo, o dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa. (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

O modo como se decide usar uma ou outra construção depende necessariamente do propósito comunicativo do enunciador. Se o enunciador pretende esclarecer ao interlocutor quem é o agente do processo verbal, então deve optar pela construção analítica. Esta é uma construção icônica, porque o verbo auxiliar de passiva só aparece em construções de passividade. Ele é a *marca de voz* mais representativa. Tanto é verdade que dizemos que um verbo está na voz ativa quando não possui nenhuma *marca de voz*, ou seja, a voz ativa não possui marca icônica, mas indicial. No entanto, se a intenção é obliterar o agente, a melhor

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

redação será a de passiva pronominal. Não se deve desconsiderar, neste caso, que não haverá signo icônico, mas indicial (o pronome *se* como clítico de um verbo transitivo direto).

É preciso também levar em conta que a escolha por uma ou outra formulação de frase pela categorização de voz verbal, se dá não só no aspecto sintático, mas igualmente no semântico<sup>5</sup>.

A rigor, somente os verbos transitivos diretos admitem construção de voz passiva. Isso porque o objeto direto da ativa passa a sujeito da passiva, e o sujeito da ativa, a agente da passiva. É importante observar que o tempo verbal da voz ativa deverá ser repetido pelo verbo auxiliar da voz passiva.

Exemplo:

<b>O caçador <i>matou</i> a raposa.</b>	<b>A raposa <i>foi morta</i> pelo caçador.</b>
<b>verbo principal no pretérito perfeito</b>	<b>verbo auxiliar no pretérito perfeito</b>

Seria necessário que o professor deixasse claro para o aluno que alguns verbos transitivos diretos repugnam a construção passiva por mera questão de uso, independente de aplicação na norma culta. Em geral, são verbos em cuja significação não repousa nenhuma atividade para que se possa depreender um sujeito ativo, i. e., já possuem sentido passivo (*aguentar, sofrer, querer, poder*). Essa ausência de atividade é, por si só, um signo indicial para a idéia de que tais verbos não participam de construção em voz passiva. Assim, não se

<sup>5</sup> Bechara (2005, p. 222) enfatiza a necessidade de distinguir voz passiva de passividade. Na frase O menino levou uma surra do pai, pode-se ver nitidamente a passividade do sujeito diante do sentido passivo do verbo, ainda que indicado por uma voz ativa. Não há, neste caso, nenhuma marca morfológica de voz em levou.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

diz: *O doce é querido por mim, Tudo é podido pelos netos, Uma grande perda foi sofrida por mim*’, mas tão somente *Eu quero o doce, Netos podem tudo, Sofri uma grande perda*.

Como conclusão a esses estudos, aliados aos resultados das pesquisas com as gravações e as redações dos alunos, afirma-se que a frequência languageira do emprego de uma construção pronominal com verbos transitivos indiretos e intransitivos (*Precisa-se de enfermeiras para C.T.I. / Vive-se bem no campo / Trata-se de uma piada.*) levou o falante a estender esse uso aos verbos transitivos diretos empregados intransitivamente ou com objetos preposicionados (*Estuda-se muito nesta escola; Comeu-se do bolo*). Na evolução da língua, passou-se, então, a usar o verbo na P3 seguido do pronome *se*, em construções que a gramática latina nomeou de *passiva impessoal*: passiva quanto à forma, impessoal porque desprovida de sujeito. Essa terminologia, segundo Kury (1989, p.182), parece não ter bom senso. Para ele, não é possível que uma forma linguística seja ao mesmo tempo impessoal, isto é, sem sujeito, e de sujeito indeterminado. No entanto, se observarmos as frases *Precisam de enfermeiras* e *Precisa-se de enfermeiras*, vemos claramente dois propósitos comunicativos diferentes no que se refere à identificação do sujeito. Na primeira frase, sabemos que há um sujeito agente, mas que aparece diluído no conjunto de pessoas envolvidas no processo cuja informação está no verbo. Ele existe, mas não se pode ou não se quer identificar. A segunda frase apresenta um caso distinto, pois o enunciador se prende à própria ação expressa pelo verbo, **excluindo** da informação a importância da identificação de um sujeito agente. Essa seria a explicação plausível para que se nomeassem as frases de *passiva impessoal* quando com uso do pronome *se*.

Embora haja nomenclaturas diferentes para as construções frasais com verbo associado à palavra “se” (voz passiva sintética e voz ativa com índice de indeterminação do

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

sujeito), os desvios de concordância são frequentes. A flexão inadequada dos verbos dessas frases deve-se à palavra “se” que acaba sendo um signo desorientador por sua baixa iconicidade sintagmática. A posição do sujeito-paciente em frases com verbo na passiva pronominal torna-se um signo desorientador, visto ser idêntica à das frases com verbo na voz ativa acrescido de índice de indeterminação do sujeito. Isso pode ser fato determinante para a confusão do falante no momento de realizar a concordância. O sujeito da passiva é confundido, por seu papel de paciente e pela posição posterior ao verbo, com o objeto direto. A partir desse evento, torna-se natural que se realize a concordância de forma a indeterminar ou até mesmo impessoalizar o sujeito.

Assim, essas construções do registro coloquial aqui levantadas e discutidas parecem, aos olhos leigos, servir ao propósito de tornar a linguagem mais elevada, mais impessoal e, por vezes, mais formal. Dessa maneira, acabam tornando-se rotineiras e preferidas pelos falantes de um modo geral. E, como a linguagem é a própria afirmação de identidade, essas formas equivocadas de uso da voz passiva passam a ser constatações de que seus usuários não dominam efetivamente o discurso formal.

O professor que quiser fazer uso desse desvio como forma de despertar o interesse do seu aluno para as curiosas incorreções da mudança da linguagem tem material farto de análise em quase todas as páginas dos jornais, revistas e cartazes espalhados por toda a cidade, que se prestam à difusão de informações, ao mesmo tempo que exercem o constante avivamento da linguagem humana.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

### **CONCLUSÃO**

Faz-se necessário repensar até que ponto o ensino da língua deve ser emoldurado apenas pela norma culta e se ater aos limites dos elementos constitutivos da frase, como propunha a escola tradicional. Esse tipo de ensino está disforme em relação às novas tecnologias da linguagem e aos gêneros textuais, indicadores de sentido.

Felizmente, as pesquisas modernas enfatizam um procedimento didático e pedagógico que parte da realidade da linguagem em uso para a exploração de conteúdos gramaticais vários, associados como ferramentas combinadas na compreensão da mensagem.

Assim, as aulas atuais devem ter suas lições de gramática formuladas a partir de um texto motivador. Como nem sempre esse texto é de um mesmo gênero, o professor de língua, nas palavras de Travaglia (2004 pp.115-116), deve trabalhar com textos pertencentes a categorias distintas (tipos, gêneros, modalidades, espécies) e implementar um estudo dos recursos linguísticos e de sua atuação na constituição e funcionamento da língua para a comunicação.

Com as novas propostas, vinculando a Gramática à Linguística Textual, surge a preocupação em adequar as aulas de Português ao novo modelo, que aponta para uma aprendizagem mais significativa da língua, contemplando a linguagem de que se faz uso, estabelecendo relações entre os vários elementos de um universo simbólico, relacionando o conhecimento elaborado (o saber idiomático) com os fatos do cotidiano, vividos pelo sujeito da aprendizagem ou por outros sujeitos.

Os novos rumos da educação, que se instituem nas diretrizes curriculares nacionais, trazem à baila o desenvolvimento de habilidades e a aquisição de conhecimentos que

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

conduzem às competências<sup>6</sup> em vários campos do saber. Para resolver situações complexas, o primeiro recurso exigido é o conhecimento de conteúdos. Por exemplo, se a situação complexa for *interpretar um texto*, é preciso que o sujeito tenha o conhecimento específico relativo às abordagens do texto: modo de organização discursiva, gênero textual, isotopia, intertextualidade, inferências, interlocução etc. Se a situação for *observar um desvio de norma*, ele deve ter disponíveis os conteúdos específicos ligados à regência, concordância, pontuação, crase, acentuação etc.

Dessas abordagens, resulta o fato incontestado de que não se pode afastar o aluno da aquisição de conteúdos de sistematização da língua. O que se deve buscar, porém é a relevância dos conteúdos ensinados para que eles tenham sentido para o sujeito dentro de seu contexto. Desenvolver a compreensão dos mecanismos da estruturação linguística traz a oportunidade de o sujeito assimilar o conteúdo de forma coerente e não mais precisar perder tempo memorizando listas infinitas de regras e suas exceções.

É, pois, inegável o consórcio entre a rede sintática e o fio condutor da mensagem na constituição da frase e, conseqüentemente, do texto. Seria estratégia produtiva a aplicação das categorias semiótico-diagramáticas, que são sintáticas, na explicação das funções sintáticas em relação com as imagens que resultam da concordância, por exemplo. Essas seriam estratégias que iriam testar a iconicidade do texto, a partir de sua potencialidade indutora de significados. Não é, contudo, o que em geral se faz na sala de aula, onde se reduz o ensino da análise sintática à distinção de funções e à memorização de fastidiosa nomenclatura (completamente desnecessária ao reconhecimento da forma adequada).

---

<sup>6</sup> Entende-se por competência a capacidade de o sujeito mobilizar recursos (cognitivos) visando abordar uma situação complexa. (MORETTO, 2002, p. 22)

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

Mais importante, também, do que decorar as regras gramaticais é captar os nexos que integram os elementos constitutivos do texto, por procedimentos diversos: identificar (1) relações de lógica (causa e efeito, agente e paciente, tema e rema), (2) traços característicos das orações adjetivas, (3) elementos de recuperação e de encadeamento, (4) processos circunstanciais expressos nas expressões e orações adverbiais, etc.

Há de reconhecer-se, então, que será possível recuperar, com esses procedimentos, a dimensão da língua em funcionamento — dimensão que não pode ser outra senão a resultante da harmonização dos elementos sintáticos no processo de organização textual.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Mário. **Novíssimos estudos da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.
- BECHARA, Evanildo. **Lições de Português pela análise sintática**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.
- KURY, Adriano da Gama. **Lições de Análise Sintática**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.
- \_\_\_\_\_. **Para falar e escrever bem o português**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, H. **Language, Context and Text: Aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the Functions of Language**. London: Edward Arnold, 1973.
- MACEDO, Walmirio. **Elementos para uma estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

## *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*

(Eds.) M<sup>a</sup> João Marçalo & M<sup>a</sup> Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M<sup>a</sup> do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 40 – O ensino de Língua Portuguesa para a pluralidade linguística e cultural.

MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistic Générale*, Paris, 1921.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova, um momento privilegiado de estudo**, Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

SIMÕES, Darcilia. **Iconicidade e verossimilhança**. Semiótica aplicada ao texto verbal. Edição digital. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

\_\_\_\_\_. **Teoria da iconicidade verbal**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

\_\_\_\_\_. & Vânia Lucia R. DUTRA. “**A iconicidade, a leitura e o projeto do texto**”. In *Linguagem & Ensino*. [ISSN 1415-1928]. Volume 7. Número 2. Jul/Dez. 2004. Pelotas: UCPel.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático” In: (org.). **Língua e Cidadania: novas perspectivas para o ensino**. São Paulo: Contexto, 2002.